### Universidade Federal do Rio de Janeiro



# CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL

Karine Barbieri Cupello

"Trabalho, consciência e alienação: uma relação entre autocriação e entrave da humanidade."

Rio de Janeiro

2016

Karine Barbieri Cupello
Trabalho, consciência e alienação: uma relação entre autocriação e entrave da humanidade."
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola

de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de

Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de bacharel em Serviço Social.

Orientador: Fátima da Silva Grave Ortiz

Rio de Janeiro

2016

#### KARINE BARBIERI CUPELLO

## Trabalho, consciência e alienação: uma relação entre autocriação e entrave da humanidade

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de bacharel em Serviço Social.

Universidade Federal do Rio de Janeiro, 02 de Fevereiro de 2016.

#### **BANCA EXAMINADORA**

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Fátima da Silva Grave Ortiz (ESS-UFRJ)

Avaliadora: Prof<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Yolanda Guerra (ESS-UFRJ)

Avaliador: Profo Cézar Maranhão (ESS-UFRJ)

### SUMÁRIO

INTRODUÇÃO
Capítulo 1 - Ser Social e Trabalho: sobre o processo de
construção da sociabilidade11
1.1 Trabalho e suas categorias centrais para a formação
da Sociabilidade12
1.2 A Sociabilidade Humana e o Mundo dos Homens 17
1.3 A Consciência como resultado da Sociabilidade 21
Capítulo 2 - Alienação: do surgimento às particularidades 30
2.1 Sobre o processo histórico da alienação
2.2 Alienação na sociedade burguesa 40
CONCLUSÃO 54
REFERÊNCIAS RIBLIOGRÁFICAS 60

### INTRODUÇÃO

Esse trabalho consiste em uma das exigências curriculares para obtenção de título de bacharel em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Para isso, foi necessário a escolha de um tema que sobretudo tivesse relevância para a categoria profissional, procurando uma inovação em algum aspecto, no intuito de tentar dar uma resposta a alguma questão levantada, que no caso, ainda persiste.

Desde o meu ingresso na Universidade procurei fazer parte de projetos de extensão, monitoria e pesquisa, para que houvesse uma efetivação do tripé ensino, pesquisa e extensão na minha formação acadêmica. Logo após cursar a disciplina de Ética Profissional, obrigatória para prática de estágio, deparei-me com a urgência e importância que a temática possuía e o quanto ainda era muito escasso bibliografias e estudos sobre o tema, sobretudo diante das mudanças ocorridas na contemporaneidade, na área do Serviço Social.

Diante da relevância da temática da ética e dos fundamentos do Serviço Social, entendi a necessidade de inserção em um núcleo de pesquisas que tratase o tema; entretanto, no mesmo semestre, consegui uma bolsa vinculada ao Banco Santander para fazer intercâmbio, podendo estudar Serviço Social na Universidad de Salamanca, na Espanha.

Ao iniciar meus estudos na universidade em questão, optei por uma disciplina que tratava a respeito da crise do chamado "Welfare State" e das correntes de pensamento que vinham surgindo em âmbito mundial, conhecida como a tendência

pós-moderna. A partir disso comecei a questionar-me se estaríamos vivenciando, por conta dessa tendência, um agravamento do fenômeno da alienação e como isso rebatiria no Serviço Social.

No intuito de chegar a essa conclusão, que por sua vez precisaria de uma vasta pesquisa bibliográfica e até mesmo de campo e por isso, ao regressar ao Brasil, procurei mais uma vez o núcleo de pesquisas para retomar minhas atividades, e assim, inseri-me no projeto, coordenado pela Prof.a. Fátima Grave "Serviço Social e Ética: uma investigação sobre o ensino da ética profissional". O referido projeto vincula-se à linha de pesquisa História e Concepções Contemporâneas do Serviço Social do Programa de Pós-Graduação da Escola de Serviço Social de Universidade Federal do Rio de Janeiro, e integra o Núcleo de Fundamentos Estudos Pesquisas sobre os do Servico Social na Contemporaneidade – NEFSSC, coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Yolanda Guerra.

Trata-se de uma investigação diretamente ao ensino da ética, enquanto disciplina fundamental para a realização de estágio e para o exercício profissional, levando em consideração tamanha complexidade dos seus conteúdos e as dificuldades de sua compreensão por parte dos estudantes. A necessidade de tal apuração é, portanto, o fato da ética atravessar toda a formação e fundamentar uma atuação profissional estreitamente vinculada aos princípios do projeto ético-político profissional. Ainda mais se levado em consideração o fato de que muitos profissionais não possuem a real dimensão do mesmo.

Essa temática faz parte de uma das exigências primordiais para a formação de profissionais conforme previsto nas Diretrizes

Curriculares, dentre variados aspectos, a transversalidade da ética como princípio formativo (ABESS/CEDEPSS, 1997). E por isso assegurar a qualidade desse ensino possui tamanha importância, sobretudo no que tange a uma prática vinculada aos princípios do Código de Ética. O que nos revela de extrema importância compreender o que vem ocorrendo na conjuntura mundial, sob contexto de uma ameaça às grandes ideologias e seus rebatimentos no Serviço Social e no próprio Código de Ética. A ABEPSS faz uma crítica a respeito das mudanças societárias e afirma que:

[...] Nesse contexto, não se requisita o perfil das diretrizes curriculares, crítico, articulador político-profissional dos sujeitos preocupados com os direitos e a cidadania, pesquisador que vai além das aparências dos fenômenos, profissional preocupado com a coletivização das demandas, com a mobilização social e a educação popular. Ao contrário, o que se requisita é um profissional à imagem e semelhança da política social focalizada e minimalista de gestão da pobreza e não do seu combate, politização e erradicação. Daí que é desnecessário o tripé ensino, pesquisa e extensão [...]. Empobrecimento e mediocridade em quantidade, com a ilusão de que está se promovendo o acesso ao ensino superior [...] (ABEPSS, 2009, p. 148).

Contudo, essa pesquisa sobre o ensino dos fundamentos da ética no âmbito da graduação, é de extrema relevância devido a necessidade de compreensão concreta dos fundamentos que estão inseridos no próprio Código de Ética profissional por parte dos discentes, levando em consideração a imensurável complexidade dos mesmos. Demonstrando a necessidade do reconhecimento, por exemplo, da liberdade como valor ético central, ou do princípio da cidadania, que na sociedade capitalista sempre foi limitada a um caráter formal de igualdade (do aspecto jurídico) e de liberdade (de mercado), já que se mostra impossível que os

indivíduos sejam livremente iguais diante de uma conjuntura de desigualdade econômica e social.

Na pesquisa, começamos a estudar e promover o levantamento bibliográfico a respeito da categoria trabalho e da categoria alienação, o que foi muito positivo para o início da minha pesquisa pessoal. E quanto a participação nos encontros do NEFSSC, nos debruçamos mais a respeito do que vinha afetando a sociedade e a profissão na contemporaneidade, tornando-se um casamento perfeito para meus estudos.

No meu primeiro campo de estágio pude notar como a assistente social em questão tratava as grandes teorias de forma ultrapassada, desarticulando o indivíduo de toda a universalidade social que o envolvia, exatamente o oposto do que é direcionado no código de ética profissional e recomendado pela ABEPSS: "a adoção de uma teoria social crítica que possibilite a apreensão da totalidade social em suas dimensões de universalidade, particularidade e singularidade." (ABESS/CEDEPSS, 1997, p. 61)

Mais uma vez isso despertou em mim o desejo de desvelar e compreender o motivo dessa tendência de pensamento nas/nos profissionais da área. Dessa maneira que o tema foi construído por mim ao longo do processo, ainda que tendo a noção de que eu não daria conta de obter todas essas respostas apenas num trabalho de conclusão de curso de graduação. Por isso optei por partir do ponto central da questão, da categoria trabalho, para chegar no conceito da alienação, para que futuramente eu possa dar continuidade na minha pesquisa e, com isso, poder responder aos meus questionamentos.

Tal pesquisa foi feita a partir de estudos de Marx a respeito da sociabilidade humana e também sobre outras temáticas, como o próprio estudo de O Capital, Lukács, e também de autores contemporâneos que estivessem guiados por essa tradição, como Lessa, Konder, Iasi, Netto, dentre outros.

O trabalho está disposto em dois capítulos, o primeiro intitulado Ser Social e trabalho: sobre o processo de construção da sociabilidade que possui o objetivo de desvelar o movimento em que o ser torna-se social a partir de um salto ontológico, que só foi possível através do trabalho, podendo assim diferenciar-se das outras formas de ser e além disso a construção da sociabilidade e do "mundo dos homens" (LESSA, 2002).

Após esse levantamento histórico, começarei, ainda no capítulo 1, na parte 1.3, a desvelar o processo de construção e complexificação da consciência humana, A constituição da consciência humana, por sua vez não se trata de um processo natural, mas ocorre na medida em que as bases materiais através do trabalho se complexificam, criando a necessidade de novas respostas, e com isso há o seu desenvolvimento. Contudo, a partir da perspectiva materialista adotada, o material é o pressuposto do ideal.

Já no segundo capítulo, iniciarei o debate a respeito do surgimento da alienação e suas especificidades no sistema capitalista. Uma vez que, apesar de tal fenômeno não ter surgido na sociabilidade burguesa, mas no momento em que ocorreu a divisão social e técnica do trabalho que promoveu a fratura entre o pensar e o agir (KONDER, 2009), nela esta complexifica-se e potencializa-se, sob duas novas formas: o Fetichismo e a Reificação.

Portanto, na primeira parte do segundo capítulo intitulada "Sobre o processo histórico da alienação" irei tratar a respeito do fenômeno em si, já na segunda parte, tratarei a respeito de suas especificidades sob a égide do modo de produção capitalista. Para que todo esse caminho metodológico sirva de aparato e base teórica para responder o questionamento de como a alienação seria afetada com o avanço da suposta pós-modernidade e seus rebatimentos no Serviço Social. A temática a respeito do fenômeno da alienação é complexa e controversa no marxismo.

O trabalho de conclusão de curso coroa e finaliza meu processo de formação e teve muita importância para que eu possa continuar estudando e desenvolvendo conhecimento para oter novas respostas no que tange as mudanças societárias e como o Serviço Social as vivencia.

# Capítulo 1 - Ser Social e Trabalho: sobre o processo de construção da sociabilidade

Para melhor compreensão sobre o processo de construção da sociabilidade, de modo a estar vinculado a uma perspectiva que associa seu processo de formação como algo dinâmico e histórico (MARX, 2009), se faz necessário partir do processo de trabalho e ter em vista como esse percurso começou.

O desenvolvimento dessa longa trajetória até a estruturação da sociablidade, não ocorre de modo natural, mas realiza-se como produto da relação e interação entre os homens através do trabalho. Marx e Engels (2009) atribuem a necessidade de troca entre os homens, e deles com a natureza, o nascimento da sociabilidade e da consciência na constituição da vida material.

Nesse capítulo será explanado como o ser social, através de um "salto", que somente foi possibilitado pela existência do trabalho, se diferencia das outras formas de ser anteriores a ele. Será tratado também a respeito do significado do trabalho humano e as categorias centrais que o atravessam em seu processo, tendo em vista que somente partindo desse caminho, tomando como base as obras de Lukács, é possível chegar na sociabilidade humana como produto de toda essa série de acontecimentos de autocriação do homem, do mundo dos homens (LESSA, 2002) e da consciência.

# 1.1 - Trabalho e suas categorias centrais para a formação da Sociabilidade

Durante o processo histórico, o homem consegue galgar uma distinção em relação as outras formas de ser<sup>1</sup>, que são elas: a do ser mineral e a do ser biológico. Isso só pôde ocorrer e ser entendido a partir do que ficou denominado como "salto ontológico". Tal salto corresponde ao processo de mudança qualitativa e estrutural do ser, que não se integra por uma continuidade, não é de modo estático, mas revela uma ruptura com a normalidade do desenvolvimento e rompe com o padrão natural das atividades anteriores. Após o salto, o aperfeiçoamento da nova forma de ser sempre encontra espaço para desenvolver-se.

A construção do novo ser, o chamado "ser social", é dada a partir da negação de sua forma anterior, que carece de um longo e contraditório processo de desenvolvimento e construção de novas categorias. A sua positividade, ou seja, a certificação desse novo ser, contrasta com a negatividade do salto, que necessitou negar as posturas realizadas no passado, desencadeando em um processo que o "novo ser" deve enfrentar. Para Marx (2009, p.38), "eles começam a distinguirse dos animais assim que começam a produzir os seus meios de subsistência [...] ao

-

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> Para compreender o processo de constituição do homem enquanto ser social, é preciso recorrer às três esferas (ou as três formas de ser) ontológicas. Tendo em vista que apesar de distintas, estão articuladas: sem a esfera (forma de ser) inorgânica não há vida, e portanto, não haveria ser social. Isso significa dizer que o ser social só pode existir e se reproduzir se estiver em articulação com a natureza (LESSA, 2002). De acordo com a distinção realizada por Lukács (2012), o ser orgânico biológico, é aquele que a vida é caracterizada pela" incessante recolocação do mesmo". As atividades desses seres estão sob um ciclo natural. Realizam-se devido uma herança determinada geneticamente, como por exemplo as abelhas que nascem "programadas" para construir colmeias e colher o pólen.

produzirem os seus meios de subsistência, os homens produzem indiretamente a sua própria vida material".

[...] a objetividade primária do ser se subordina a dadas posições teleológicas, as quais tem o poder de articular as propriedades da natureza em novas formas e relações, [...] mas tendo também o limite de não poder alterar o caráter ontológico primário do ser. A causalidade posta, portanto, continua a ser causalidade, não se transmutando em teleologia – todavia, por ser causalidade posta, está articulada a uma nova malha causal cuja origem é necessariamente a atividade teleologicamente orientada. (LESSA, 2002, p. 74)

É por meio do trabalho que o ser social se distingue da natureza, já que o homem passa a produzir os seus meios de subsistência e começa a satisfazer suas próprias necessidades. Essa diferenciação se complexifica ainda mais a partir da Revolução Neolítica (+- 12.000 a.c.) que significou a possibilidade de manipulação das sementes pelo homem, dando a possibilidade, devido a fabricação de instrumentos, de multiplicação do rendimento laboral do homem. A partir dessa revolução, intensificou-se s história da humanidade, segundo Konder (2009), acelerou-se o ritmo de dominação da natureza, tal como as transformações das instituições e de suas formas de organização social.

Com isso, foi possível que a humanidade produzisse excedente, abrindo a oportunidade de plantar e estocar, ultrapassando o consumo imediato, desenvolvendo a agricultura e extinguindo cada vez mais os impulsos. Possibilitouse, com isso, que a esfera social desse um salto histórico importante na reprodução

social das comunidades primitivas lançando as bases para o escravismo e para a luta de classes<sup>2</sup>.

Devido todo o processo de trabalho, da práxis humana, o ser humano cria alternativas, abrindo possibilidade de escolha entre elas<sup>3</sup>. O trabalho além de propiciar o refinamento das faculdades dos homens e o domínio sobre si mesmo, transforma toda a vida desses seres. São criados novos hábitos culturais, como por exemplo "o sentir fome", já que a forma em que o homem vai passar a saciá-la vai mudar de acordo com os avanços históricos e culturais daquele tempo:

A fome é a fome, mas a fome que se satisfaz com carne cozinhada, comida com faca e garfo, não é a mesma fome que come a carne crua, servindo-se das mãos, das unhas, dos dentes. Por conseguinte, a produção determina não só o objeto do consumo, mas também o modo de consumo, e não só

.

<sup>2</sup> Não será tratado a fundo essas questão, mas apenas como esclarecimento, a descoberta da semente tornou possível, pela primeira vez na história, que o indivíduo trabalhasse e produzisse mais do que o necessário para a sua sobrevivência imediata. Diferente da situação anterior, na qual tudo o que era produzido era imediatamente consumido. Com a descoberta da agricultura abria-se a possibilidade de se acumular produtos do trabalho humano: surgia, assim, as primeiras formas de riqueza e a possibilidade de sua acumulação. Para que fosse plenamente explorada, esta nova possibilidade gerou profundas alterações na vida social. A partir disso, no curso da história, se tornou possível o surgimento das primeiras formas de exploração do homem pelo homem. (BARROCO, 2006)

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> Marx, propriamente, não sistematizou em uma obra específica a temática liberdade. Entretanto, existe uma quantidade significativa de material que pode auxiliar a pensar esse tema pela perspectiva desse autor, principalmente nas obras A Questão Judaica (1843) e Manuscritos econômico-filosóficos (1844). "O direito humano à propriedade privada, portanto, é o direito de desfrutar de seu patrimônio e dele dispor arbitrariamente (...), sem atender aos demais homens, independentemente da sociedade, é o direito de interesse pessoal. A liberdade individual e esta aplicação sua constituem o fundamento da sociedade burguesa. Sociedade que faz com que todo homem encontre noutros homens não a realização de sua liberdade, mas, pelo contrário a limitação desta" (Marx, 1980, 43). Partindo da perspectiva Lukáciana (2012) , têm-se a liberdade para além daquela descrita na tradição liberal, como uma liberdade formal, reduzida ao mercado (PORTO, 2001). Mas está calcada no processo de possibilidade de escolha dentre as alternativas.. Têm-se a práxis como a decisão dentre as possibilidades existentes, visto que, todo indivíduo singular, em toda e qualquer ação, deve decidir entre fazer, ou não. Com isso, toda ação social nasce de uma decisão, de uma escolha entre as alternativas que cercam os indivíduos, que são compelidos pelas situações concretas a conduzir-se de certa forma. (BARROCO, 2006)

de forma objetiva, mas também subjetiva. Logo, a produção cria o consumidor. (MARX, 2013, p.220)

Esse ser não realiza-se apenas cumprindo determinações genéticas, assim como os seres orgânicos, mas passa a exigir habilidades e conhecimentos que posteriormente se transmitem a partir de aprendizados. Dessa forma, é possível afirmar que o trabalho não é uma característica da natureza do homem, mas que ele trabalha porque precisa, e não porque é algo natural como comer ou dormir, "[...] a própria quantidade das supostas necessidades naturais, como o modo de satisfazêlas, é um produto histórico que depende em grande parte do grau de civilização" (MARX,1975). O homem distancia-se da natureza, ao mesmo tempo em que se diferencia, caracterizando-se, devido esse processo, como uma nova atividade. Tomando como referência as teorias marxianas:

[...] O trabalho é um processo entre o homem e a natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a natureza. [...] Pressupomos o trabalho numa forma em que pertence exclusivamente ao homem. Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão e a abelha envergonha mais de um arquiteto humano com a construção dos favos de suas colméias. Mas o que distingue, de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera. No fim do processo de trabalho obtém-se um resultado que já no início deste existiu na imaginação do trabalhador, e portanto idealmente. (MARX, 1983, p. 149-150)

O trabalho, que por sua vez é definido por Lukács (2012) como "protoforma", em outras palavras isso significa dizer, a forma primária do agir humano, "rompeu com o padrão natural das antigas atividades", (NETTO e BRAZ, 2011). Assim sendo possível afirmar devido a noção de que "o trabalho não se opera com uma atuação imediata sobre a matéria natural" (NETTO e BRAZ, 2011), ele precisa de um

momento de planejamento que precede e guia a ação humana. Segundo Lukács (2012), esse momento é entendido como "prévia-ideação" ou a "teleologia", em que o resultado é idealizado antes que seja construído materialmente. Mas essa categoria só pode ser caracterizada como tal, se, de fato, for objetivada, e por isso exerce um papel substancial nessa tal resolução material da práxis social.

A essência do trabalho, portanto, é ir além da imobilização, da fixação dos seres vivos na competição biológica imutável. O estágio da distinção ocorre não pela construção de produtos, mas sim devido o papel da consciência, da relação entre teleologia e causalidade. Na esfera do pensamento eles podem confrontar passado (que são os conhecimentos adquiridos ao longo da vida), presente (denominado pela situação concreta) e futuro (ter noção do que se deseja com a sua ação), sendo o produto, como caracteriza Marx (2009), um resultado do que desde o início do processo já existia no plano ideal do trabalhador. É essencial levar em consideração a singularidade da prévia-ideação, ou seja, a forma em que um indivíduo pensa em como lidar com as situações exteriores a ele, dando respostas recorrendo a elementos universais e genéricos.

Na medida em que o homem vai promovendo em maior escala sua inserção socialmente, seja ela através do trabalho, ou a partir das relações sociais cada vez mais avançadas, ele cria atributos para uma dominação ainda maior da natureza. Passa ser capaz de criar novas alternativas, e ao mesmo tempo dar respostas à

elas, recuando as barreiras naturais e, com isso, propciando a relação entre a teleologia e a causalidade<sup>4</sup>.

Além disso, atavés da teleologia, o homem é capaz, em seu processo de trabalho, de atribuir ao ser novas causalidades, que são chamadas de "causalidades postas", que segundo LESSA.

#### 1.2 - A Sociabilidade Humana e o Mundo dos Homens

O choque dialético entre teleologias e causalidades produz uma nova objetividade social, chamada por Lukács de "segunda natureza". Esse processo que articula, por meio do trabalho humano, o que antes estava apenas no seu intelecto e as causalidades existentes, derivando um objeto, sempre transformando alguma parte da natureza, é denominado por Lukács (2012) como "objetivação" . E fazem com que os novos objetos passem a ocupar um lugar incomun na história e no "mundo dos homens" (LESSA, 2002). É através desse processo que uma posição teleológica, ou seja, aquela pré-idealizada apenas no ideário do sujeito, se realiza no âmbito da materialidade, tida como surgimento de uma nova objetividade que sem a "prévia-ideação" esse objeto não poderia ser realizado e gerado uma "segunda natureza" capaz de abrigar novas causalidades.

\_

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> A teleologia é uma capacidade unicamente humana de plantear idealmente algo que se anseia realizar para dar respostas de acordo com suas necessidades. O agir humano possui sempre uma certa finalidade e procede de algum interesse. Apesar de ocorrer a 'prévia-ideação', nem tudo o que é idealizado, sai exatamente como se gostaria. Isso ocorre pelo motivo de que as aspirações humanas e o que era anteriormente idealizado na sua mente, se depara com as causalidades existentes, com aquilo que "causa" o movimento e compõem determinado ser, ou do objeto. (LESSA, 2002)

A objetivação é, segundo Lukács, o momento do trabalho pelo qual a teleologia se transmuta em causalidade posta. [...] Ela articula a idealidade da teleologia com a materialidade do real sem que, por essa articulação, a teleologia e a causalidade percam suas respectivas essências, deixem de ser ontologicamente distintas. (LESSA, 2002, p. 75)

#### Segundo NETTO e BRAZ, 2011:

[...] O ser social constitui-se como um ser que, dentre todos os tipos de ser, se particulariza porque é capaz de: 1. realizar atividades teleologicamente orientadas; 2. objetivar-se material e idealmente; 3. comunicar-se e expressar-se pela linguagem articulada; 4. tratar suas atividades e a si mesmo de modo reflexivo, consciente e autoconsciente; 5. escolher entre alternativas concretas; 6. universalizar-se; 7. sociabilizar-se. [...]

O ser social mobiliza mediações cada vez mais articuladas, o seu domínio sobre a natureza e sobre si próprio se mostra cada vez maior, e duas capacidades essenciais são construídas por ele no seu processo de humanização: autor e produtor, o que significa a historicidade de sua existência (LESSA, 2002). É impensável sem a natureza, mas se difere da mesma a partir do - Salto Qualitativo - que o homem realiza diante das demais espécies - como já referenciado em linhas atrás -, demonstrando que os animais são limitados, instintivos, imediato, e os homens são conscientes, racionais, projetivos.

Há uma dupla relação entre a teleologia e o objeto, partindo do pressuposto de que sem a prévia-ideação o objeto não poderia existir, ele se configura como ideia objetivada, ou seja, a ideia que se materializa em objeto (que resulta na transformação material da natureza). A outra relação é no que tange o entendimento de que o objeto sobrevive independentemente de quem o previamente idealizou, a sua história é diferente e separada do seu criador.

Essa distinção entre objeto e seu criador é "fundamento ontológico da exteriorização" segundo Lukács (2012), há uma exteriorização com os produtos do trabalho dos homens, a sua objetivação, que passam a integrar com a natureza gerando novas causalidades postas pelos homens. Dessa forma que é possibilitada a criação do mundo dos homens, o seu acervo histórico e cultural <sup>5</sup>.

Nesse confronto além de testar as próprias qualidades, os homens também aprendem com novas situações, a partir inclusive de novas causalidades e adquirem novos conhecimentos. Por isso, não somente há uma transformação do objeto, como também do seu criador, já que a subjetividade do mesmo passa a possuir novas habilidades e conhecimentos que não existiam antes, assim como novas necessidades. Por mais que o objeto traga traços e características do seu criador, os dois serão sempre ontologicamente distintos (LESSA, 2002).

Para iniciar o próximo tópico, evidencia-se a diferenciação ontológica da reprodução social da biológica, que devido as possibilidades teleológicas dos homens, os mesmos podem reconhecer sua própria história e dar continuidade a ela com sua consciência. A construção da sociabilidade dos homens, independe da herança genética como no reino natural, mas só pode dar continuidade a esse processo, quando as relações sociais vão se tornando cada vez mais complexas, com representações individuais cada vez mais articuladas, capazes de realizar ações e procedimentos ainda mais diversos. E o que pode promover a articulação

\_

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> O ser humano, ainda segundo Lukács (2012), é uma crescente capacidade de objetivar e exteriorizar, isso significa dizer, a capacidade de transformação da vida de acordo as finalidades socialmente desejadas. Desse modo, tal "recuo de barreiras naturais" (dito em linhas anteriores) pretende revelar que a vida humana e social não pode se afastar totalmente, ou ter suas bases completamente autônomas dos processos naturais, mas ao mesmo tempo, há uma diminuição permanente do papel simplesmente natural, apesar de ser completamente necessária.

entre essa tal complexificação das relações sociais e individualidades é a consciência.

O gênero humano se complexifica, passando a possuir sempre mais ferramentas em seu acervo histórico e as individualidades sofrem o mesmo processo simultaneamente, elevando o seu grau de autoconsciência. Apesar de completamente articuladas, por estarem no mesmo processo da reprodução social, promovem uma distinção cada vez maior entre a reprodução da singularidade individual e do gênero humano como um todo.

Há uma individualidade, o homem possuidor de impressão digital, com suas características, sentimentos próprios, etc., mas eles estão inscritos no gênero humano, na totalidade<sup>6</sup>. Os elementos que estão na consciência humano-genérico se personificam na consciência individual, apesar de não nascer na individualidade. A vida cotidiana é insuprimível<sup>7</sup>, e nela, o indivíduo se socializa, aprende a responder às necessidades práticas imediatas, assimila hábitos, costumes e normas de comportamento. Com isso, vincula-se a sociedade e caminha junto com a reprodução do desenvolvimento do humano-genérico. As motivações do 'eu' são sociais, e sempre se referem a uma cultura existente, a um quadro de valores socialmente legitimados, e por isso, o representante do humano-genérico não é um homem sozinho, mas sempre uma integração. Essa organização da comunidade em torno de valores comuns e regras comportamentais dá origem à

\_

<sup>6</sup> A relação entre genericidade e singularidade pode ser bem exemplificada a partir da seguinte questão: o ser individual sente fome, mas historicamente ele não come carne crua, com a mão, pois tudo isso foi uma conquista do gênero humano.

<sup>7</sup> Para o debate sobre o cotidiano, existem algumas referências como: Cotidiano, Conhecimento e Crítica (1987); ou Conhecimento e a História (2008).

moral como costume ou conjunto de hábitos de conduta. Na sociedade de classes, a legitimação de valores e normas de comportamento são orientados pelo ethos dominante. Há uma exigência de subordinação dos indivíduos singulares à um interação social à moral dominante. O jeito de se comportar e os valores aparecem à consciência como elementos que existem em si e por si mesmos, desconsiderando-se suas relações e vínculos sociais.

Segundo IASI (2011) "Falamos em *processo de consciência* e não apenas consciência porque não a concebemos como uma coisa que possa ser adquirida e que, portanto, antes de sua posse, poderíamos supor um estado de 'não consciência'." O autor afirma que para tradição Marxista o que é de fato relevante são as suas leis da transformação, do desenvolvimento, das transições de uma forma para outra. A consciência aqui não é algo dado, natural, anterior ao sujeito, mas é um movimento, uma construção histórica, portanto, segundo o autor, a consciência não é, mas "se torna"<sup>8</sup>.

#### 1.3 - A Consciência como resultado da sociabilidade

Marx e Engels (1993) revelam que o processo de constituição da consciência humana e de sua sociabilidade é desenvolvido progressivamente conforme os homens relacionam-se entre si e refinam as respostas em detrimento de suas necessidades.

<sup>8</sup> lasi ao tratar da primeira forma de consciência, assinala que: "Dessa forma, inicialmente, a consciência seria o processo de representação mental (subjetiva) de uma realidade concreta e externa (objetiva), formada neste momento, através de seu vínculo de inserção imediata (percepção). Dito de outra maneira, uma realidade externa que se interioriza." (IASI, 2011, p. 14)

Em tempos primitivos, o homem possuía a consciência apenas do que era para ele absolutamente palpável e sensível e, por isso, não se diferenciava em larga escala das formas de ser dos animais. Esse processo de refinamento e complexificação da consciência, são equivalentes ao alargamento e desenvolvimento do homem enquanto ser social e também do surgimento da propriedade e da divisão social do trabalho. Nas palavras de Marx e Engels (1993), "[...] desde este instante, a consciência está em condições de emancipar-se do mundo e entregar-se à criação da teoria, da teologia, da filosofia, da moral e etc".

Partindo do materialismo histórico-dialético de Marx e Engels, a existência do ser que determina seu modo de pensar, isso significa que o ser define e é anterior à consciência e não o contrário como na perspectiva idealista (ORTIZ, 2012). Ou seja, aquilo que eles são, por sua vez, depende das condições materiais da produção, é igualado não somente à sua produção, mas também com o que e como produzem.

Vale ressaltar que os homens não são seres conscientes apenas pelo fato de serem racionais, mas se tornam conscientes ao trabalhar como homens, sendo a

\_

<sup>&</sup>lt;sup>9</sup> Se contrapondo a esse pensamento, ao tomar o idealismo subjetivo de Kant , e a vertente objetiva de Hegel, em que a existência do ser é determinada pela consciência, e o homem só pode ser identificado como tal porque pensa (reconhecendo o "penso, logo existo" de Descartes), sendo essa a condição que o difere dos animais, admitindo sua superioridade sobre eles. Atualmente essa perspectiva se desdobra sobre novas máximas, como: "pensar positivo", "força do pensamento", "a vontade ultrapassa obstáculos", é como se ideias por si só fossem capazes de transformar o que já existe de fato. Como se ao desejar profundo que alguma situação ocorra fosse suficiente para ela se realizar na prática. Em Marx, o ponto de partida não é dado nem pelo átomo, como os antigos materialistas, nem pelo ser abstrato, como em Hegel, todo existente, para ele, deve ser objetivo e sempre parte "movente e movida" de um complexo concreto. Por isso, o ser em sua totalidade é visto como um processo histórico, e as categorias são formas "moventes e movidas" da matéria, portanto, as formas do ser são as determinações de sua existência. (ORTIZ, 2012)

objetivação do mesmo, aquilo que foi anteriormente idealizado, gerando as expectativas para atender suas necessidades. A consciência, portanto, desenvolvese a partir e através das relações materiais entre os homens, e desses com a natureza, devido o processo de interiorização das relações, gerando uma representação ideal.

Ela está relacionada com a atividade e troca material entre os homens, o ser consciente é denominado para tais autores, como o seu "processo real de vida" (MARX e ENGELS, 2009, p. 31) e , nessa perspectiva, na medida em que mudam sua realidade, mudam também seu pensamento, já que as condições materiais que o propiciam.

[...] os homens, ao desenvolverem sua produção material e seu intercâmbio material, transformam também, com esta sua realidade, seu pensar e os produtos de seu pensar. Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência. (MARX; ENGELS, 1993, p.37)

Ou seja, ao se desenvolverem materialmente os homens mudam e amplificam também o seu plano ideal e sua consciência. Não se trata de um processo natural, ou estático, na medida em que as bases materiais através do trabalho se complexificam, criando a necessidade de novas respostas, também se desenvolve a consciência humana. Contudo, para os materialistas, o material é o pressuposto do ideal.

O processo de aperfeiçoamento e complexificação da consciência são proporcionais ao crescimento e desenvolvimento do homem como ser social e seus processos correlatos como o surgimento da propriedade e da divisão social do trabalho. (ORTIZ, 2012, n.29, v.10, p.20)

Isso mostra a diferenciação em relação a perspectiva idealista, tendo em vista que a consciência se aprimora e se enriquece na medida em que há um desenvolvimento do próprio ser, de acordo com as novas demandas, de novos processos, da necessidade de novas respostas, é algo que está completamente associado, entrelaçado um com o outro, porém não se pode afirmar que a ideia é anterior a matéria, pelo contrário, a ideia, e portanto, a consciência, se aprimora de acordo com o desenvolvimento do ser e de outras particularidades.

Um efeito do processo de trabalho é a sua divisão social, em que é obtida através da relação do homem com a natureza, que propicia uma reprodução da vida e das relações sociais. Para compreender os sujeitos, faz-se necessário detectar o que eles produzem, já que a partir disso são geradas as relações entre eles, a formulação de suas ideias e da consciência (MARX & ENGELS, 2009). De modo guiado por uma visão materialista-histórica em que a consciência é um produto social, que o material e o real determinam<sup>10</sup>.

Portanto, a "naturalização e a moralização" (ORTIZ, 2012) dos processos sociais encontram-se nessa aceitação dos sujeitos diante do que lhes é passado, "que reproduzem posturas e ações sem conhecer seus fundamentos" (ORTIZ, 2012). 11 Enquanto a moralização tem uma função de justificar essa naturalização, de

<sup>&</sup>lt;sup>10</sup> Sobre o processo de trabalho, é possível ter a percepção de que o indivíduo executa a posição teleológica de modo consciente, em razão do seu pressuposto ser o conhecimento concreto, mesmo que não total, das finalidades e dos meios para sua realização. O permanente apuramento do trabalho é realizado devido cada análise do resultado dos seus produtos, e com isso, ampliam-se os conhecimentos humanos, trazendo uma maior variedade do trabalho, dos seus meios de construção, no que é, por exemplo, mais prático, menos laborioso, novas áreas, e etc.

<sup>&</sup>lt;sup>11</sup> O que é algo muito complicado, por exemplo na ordem burguesa, a naturalização, dentre suas funções, explica a existência da pobreza como produto da natureza, justificando que em todas as

forma ultra funcional para a perpetuação desse "modus operandi", a partir da atribuição de juízos de valor, sem compromisso com a história. Revela-se funcional inclusive para a manutenção do sistema, pois possui o "aval" para um tratamento isolado e focalizado do indivíduo, que é 'marginal' ou 'cidadão do bem' por natureza e por isso é responsável por tudo em sua vida. <sup>12</sup>

Os indivíduos que constituem a classe dominante possuem, entre outras coisas, também consciência e, por isso pensam; na medida em que dominam como classe e determinam todo o âmbito de uma época histórica. (MARX; ENGELS, 1993, p.72)

#### E também:

[...] aquilo que é visto pela pessoa em formação como mundo externo, como objetividade inquestionável, portanto, como realidade, é apenas uma forma particular, historicamente determinada, de se organizarem as relações familiares. No entanto, esse caráter particular não é captado pelo indivíduo, que passa a assumi-lo como natural. (IASI, 2011, p. 17)

No próximo capítulo, no qual será tratado o fenômeno da alienação, não como sendo um estágio da 'não consciência', mas enquanto a forma de manifestação inicial da mesma (IASI, 2011, p.20) enquanto a sua particularidade do sistema capitalista, tornando-se num ambiente propício para dominação de tais princípios hegemônicos.<sup>13</sup>

sociedades ela esteve presente, mas sem caracterizar sua particularidade e especificidade em cada uma dela. Com essa explicação, nada pode se fazer para mudar uma tal situação, é algo tido como natural e imutável, como se esse fosse o fim.

.

<sup>&</sup>lt;sup>13</sup> Iasi, ao diferenciar alienação de ideologia, explicita que: "A alienação que se expressa na primeira forma da consciência é subjetiva, profundamente enraizada como carga afetiva, baseada em modelos e identificações de fundo psicológico. A ideologia agirá sobre essa base e se servirá de duas

#### Capítulo 2 - Alienação: do surgimento às particularidades

O conceito da categoria alienação demonstra tamanha importância a ser estudado, como elucida Konder (2009), pois traz consigo questões que afetam e envolvem enormemente os sujeitos até os dias de hoje. Tais entraves à vida dos indivíduos envolvem a " busca da felicidade, ameaçam a liberdade e põem em risco a nossa própria sobrevivência, quer como indivíduos quer como espécie humana." (KONDER, 2009, p.28)

Com o objetivo de destrinchar como pôde por tantos anos haver tamanha dominação da realidade social, calcada por uma irracionalidade política, esse capítulo tentará responder tais questionamentos, guiado pela indagação de como é possível, durante todo esse tempo, apesar do elevado grau já desenvolvido e alcançado de consciência, uma verdadeira aceitação em relação a desumanização em que o homem encontra-se e além disso, o motivo de uma ampla aceitação a respeito de uma determinada apropriação da aparência.

Na tentativa de desvelar o processo pelo qual se escamoteia a barbarização da realidade social, e o motivo de seus fundamentos serem tão embaçados para os integrantes da mesma, a categoria da alienação mostrou-se indispensável. Tendo em vista que ela caracteriza-se enquanto um processo que atua na formação de obstáculos para a realidade, trazendo consigo consequências não favoráveis ao gênero humano.

características fundamentais para exercer uma dominação que, agindo de fora para dentro, encontra nos indivíduos um suporte para que se estabeleça subjetivamente." (IASI, 2011, p.20)

Existem diversos conceitos a respeito do que se trata alienação, com significados distintos, por isso vale ressaltar que o presente trabalho está vinculado ao conceito marxista de alienação, baseando-se não somente em obras de Marx, como também em suas releituras. Conforme Konder (2009, p. 31) "o resultado da crítica do conceito hegeliano de alienação por Marx foi a elaboração de um novo conceito de alienação."

O presente capítulo irá salientar que a alienação é um fenômeno anterior ao sistema capitalista, mas está vinculado ao processo da divisão social e técnica do trabalho, que traz consigo a ruptura entre o pensar e o agir, que trouxe um custo enorme que foi o fenômeno da alienação (KONDER, 2009). Sob a estrutura do capitalismo, tal fenômeno assumiu novas complexidades e formas que será também tratado a seguir.

#### 2.1. Sobre o processo histórico da alienação

A construção social e histórica a respeito da herança tanto material quanto espiritual que atinge fundalmentalmente as estruturas sobre as quais são formadas a consciência humana, está totalmente influenciada pelo modelo hegemônico de pensar. Uma vez que, como já dito em linhas anteriores: "[...] as ideias da classe dominante serão as ideias dominantes daquela época." (MARX, 1993).

Segundo lasi (2011), a alienação que caracteriza-se enquanto a primeira forma de consciência humana, de modo subjetivo, carregada de carga afetiva, baseada em fundo psicológico, acaba por embaçar o verdadeiro sentido do real. O indivíduo, que

por sua vez, é essencialmente alienado, age e pensa tal como os interesses e perspectivas daqueles que possuem a dominação material e espiritual.

Tendo em vista que esse pequeno grupo introduzirá socialmente concepções de mundo e modelo de homem que serão tidas enquanto universais, mesmo que estejam restritas a uma minoria, gerando uma "falsa consciência", pois escamoteia o real. Isso se torna completamente funcional para a perpetuação de um sistema conforme a classe dominante almeja. Para lasi:

Quando, numa sociedade de classes, uma delas detém os meios de produção, tende a deter também os meios para universalizar sua visão de mundo e suas justificativas ideológicas a respeito das relações sociais de produção que garantem sua dominação econômica. (IASI, 2011, p.21)

A alienação, que não contém sua gênese inscrita no sistema capitalista, mas trata-se de um fenômeno anterior a ele, possui sua emersão juntamente com a criação da propriedade privada dos meios de produção e da divisão social e técnica do trabalho, diante do processo de constituição histórica do homem.

No primeiro capítulo, ao tratar da centralidade da categoria trabalho na constituição do homem enquanto ser social, levou-se em consideração que apenas através do trabalho o ser, que anteriormente pouco diferenciava-se do animal, poderia tornar-se homem a partir de um salto qualitativo.

Além disso, foi tratado a respeito da capacidade de gerar respostas às nececessidades dos homens, devido o processo de agir teleologicamente diante das causalidades já existentes. Através desse processo, o homem poderia objetivar o

que antes estava apenas em seu intelecto, começando a obter um lugar específico na história e no "mundo dos homens" (LESSA, 2002)<sup>14</sup>. Para Marx (2013, p.120):

Como criador de valores de uso, como trabalho útil, o trabalho é, assim, uma condição de existência do homem, independente de todas as formas sociais, eterna necessidade natural de mediação do metabolismo entre homem e natureza e, portanto, da vida humana.

Segundo Lukács (2012), o devir humano dos homens ocorre devido a capacidade de exteriorização humana que auxilia na construção de um espaço cada vez mais social e mais distante das formas naturais, o que acontece somente devido a competência humana de transformar o que já existe no processo de sua reprodução. Para o autor, essa descrição é tida como a positividade da exteriorazação, entretanto, nem todas exercem um papel positivo para o desenvolvimento do gênero humano.

Pelo contrário, podem ser configurados em entraves para a história da vida humana e se dão como uma negação da existência do próprio homem. A esses empecílhos ao devir humano dos homens, caracterizados como negatividades, Marx titula como alienação. Fenômeno esse exclusivamente social que nega a essência humana, "é uma negação do homem pelo próprio homem [...] uma negação construída do ser humano." (LESSA, 2012, p. 126)

.

<sup>14</sup> O "mundo dos homens" só é feito a partir de um rico e contínuo processo histórico de desenvolvimento das forças produtivas, gerando em maior escala a capacidade humana de produzir o excedente. Devido essa produção mais intenso, foi possível o surgimento de um novo episódio na sociedade: a apropriação privada deste excedente por meio da repressão. Com isso, possibilitou-se o nascimento da propriedade privada e da divisão da sociedade em classes sociais antagônicas. Foram essas as condições objetivas e subjetivas para a divisão social do trabalho e para a ruptura entre o pensar e o agir (LESSA, 2002).

Para Konder (2009, p.70), estão colocados os fundamentos sociais e históricos da alienação, tendo em vista que,

Por força da cisão entre o indivíduo e a espécie, os indivíduos tendem a ter deles mesmos uma visão mutilada, uma vez que não se veem como indivíduos integrados normalmente numa espécie. Torna-se difícil compreender claramente a unidade do gênero humano, pois esta unidade se acha duramente atingida, na prática, pela divisão do trabalho e pela propriedade privada. Passam a faltar-lhes condições que propiciem uma clara percepção daquilo que eles possuem de comum uns com os outros; e as diferenciações individuais passam a ser observadas independentemente da história concreta e das condições materiais de vida dos homens.

É um processo que possui enquanto traço particular o aspecto de esconder a essência dos fenômenos e acaba não indo até as verdadeiras respostas, mas sim, a aparência da realidade. Seu surgimento é a partir da propriedade privada e da divisão social do trabalho, devido ao maior desenvolvimento das forças produtivas e, com isso, maior foi a capacidade humana de criar excedentes. Na propriedade privada, uns exercem o papel de mandar e outros de trabalhar, permitindo dessa forma que o primeiro grupo tivesse tempo livre, enquanto os outros teriam de abrir mão dele para o exercício do trabalho.

#### Segundo Konder:

Pode-se dizer, portanto, que foi a divisão do trabalho – com a escravização de alguns homens pelos outros – que proporcionou, nas condições de sumo atraso em que se realizou, uma intensificação no ritmo do progresso da humanidade, exercendo efeito estimulante sobre o desenvolvimento econômico das sociedades primitivas. Mas a divisão social do trabalho, o aparecimento da propriedade e a formação das classes sociais (três aspectos de um mesmo processo) não tiveram apenas um efeito positivo, impulsionando o desenvolvimento econômico e promovendo - através da evidente desumanidade - um surto de progresso na evolução do homem. Coube-lhes consequência, além terrivelmente outra de historicamente negativa: a dilaceração do homem, o fracionamento da humanidade, a ruptura da comunidade espontânea, a destruição da unidade humana primitiva. (KONDER, 2010, p. 62)

Uns poderiam desenvolver o atributo do pensamento, enquanto os outros apenas executariam as ações destinadas a eles, a chamada divisão do trabalho, aqueles que possuem o tempo ocioso, poderiam dedicar-se a qualquer outra atividade, política, religião, artes, filosofia,... E, a partir disso, poderiam refinar-se enquanto homens. Essa divisão do trabalho vai impor a dicotomia entre o agir e o pensar. Marx e Engels destacaram a relevância do modo de ser que o indivíduo passaria a ter de acordo com o local de inserção do mesmo na sociedade, isso significa dizer que de acordo com a classe social do indivíduo seria importante ter uma maneira de ser condicionada com a sua especificidade de classe.

Esse fenômeno caracteriza-se pelas seguintes formas: o homem não reconhece o produto do seu trabalho, tendo em vista que o mesmo não consegue discernir o processo de trabalho em si, já que ele passa a ser cada vez mais fragmentado, em diferentes níveis e momentos de produção, trazendo a sensação de que ele não teve participação na trajetória, ou o próprio não reconhecimento dele mesmo enquanto produtor do objeto fim. Além disso, por não participar de todos os momentos da produção, não assimila o outro trabalhador, sobretudo enquanto partícipe da memsa classe, fazendo com que hajam formas de sociabilidades fragmentadas cada vez mais exponencializadas, trazendo entraves para luta de classes.

Os indivíduos tendem a ter deles próprios uma visão cortada, já que não enxergam-se como indivíduos integrados numa espécie, ocorrendo um não reconhecimento enquanto partícipe do gênero humano, já que o próprio gênero encontra-se afetado devido a divisão social do trabalho e da propriedade privada. Dificultando, dessa forma, que os sujeitos encontrem no próximo algo similiar uns

com os outros, exaltando as diferenças de modo ahistórico, tendo o outro como prejudicial aos seus interesses particulares, dando a sensação de que eles não integram uma mesma coletividade.

Através do surgimento da alienação, teve-se como consequência, um não reconhecimento das experiências individuais enquanto experiência social<sup>15</sup>, trazendo um empobrecimento dos sentidos humanos. Portanto revela-se uma desumanização, dotada de autonomia ilusória, caracterizando-se por ser uma obstáculo da humanidade.

A divisão da sociedade em classes afeta cada indivíduo integrante da mesma, tendo em vista que ele não enxerga mais o próximo enquanto seu semelhante, como nas formas societárias anteriores, já que com o surgimento das classes sociais, e como consequência direta disso, as diferenças de condições sociais, a igualdade entre os sujeitos sofre um "esvaziamento de sentido" (KONDER, 2009, p.65).

A divisão do trabalho só se converte em verdadeira divisão a partir do momento em que se separam trabalho físico e trabalho intelectual. A partir desse instante, já a consciência pode imaginar-se realmente algo mais e algo diverso de consciência da prática existente. pode imaginar que representa realmente algo sem estar representando algo real. A partir desse instante, ela se acha em condições de se emancipar do mundo e de se entregar à criação de teoria pura. (Marx e Engels, 2009, p. 63)

Esse processo que promove uma separação entre a a consciência e a prática, marca no sujeito a alienação que possui como ponto de partida na alienação do

consegue sistematizar a sua compreensão da experiência como experiência social, em nenhum momento consegue realizar nela, experiência, a consciência da unidade indivíduo-espécie."

<sup>&</sup>lt;sup>15</sup> Para Konder (2009, p. 73): "Não apreendendo a sua experiência como experiência social concreta, o portador da consciência de tipo ideológico tende a encará-la a partir de uma perspectiva falsa: ou ele a vê como uma experiência na qual o sujeito desenvolve uma atividade efetivamente criadora (mas aparece como abstração hipostasiada, como espírito ou como pensamento puro) ou ele a vê como uma experiência na qual o sujeito figura em atitude puramente receptiva, limitando-se a registrar impressões vindas de fora, vindas do mundo do objeto. [...] pois em nenhum momento

trabalho, que teve, segundo a perspectiva marxista, sua gênese na própria divisão do trabalho, gera todos os tipos de alienação: moral, política, religiosa, ... Assim, o trabalho, caracterizado enquanto categoria central no processo de autocriação do homem, torna-se com a divisão social do trabalho a "raiz causal de todo o complexo de alienações", tal como afirma Mészaros (2006, p.20).

[...] aquilo que é criação do homem se afasta (aliena) dele, torna-se-lhe estranho, volta-se contra ele. Na acepção marxista, por conseguinte, a *alienação* é um fenômeno que deve ser entendido a partir da atividade criadora do homem, nas condições em que ela se processa. Deve ser entendido, sobretudo, a partir daquela atividade que distingue o homem de todos os outros animais, isto é, daquela atividade através da qual o homem produz os seus meios de vida e se cria a si mesmo: o *trabalho humano*. (KONDER, 2009, p. 40)

#### Além do mais:

Examinando o texto dos *Manuscritos* de 1844, Henri Lefebvre encontrou o fenômeno da *alienação* ali descrito sob diversas rubricas: a) a *alienação* do trabalhador reduzido à condição de objeto pela força estranha que se ergue diante dele no seu trabalho; b) a *alienação* da atividade produtora, isto é, do trabalho, que sofre uma cisão interna e se subdivide; c) a *alienação* do homem em relação à espécie humana, a redução do humano à satisfação das necessidades animais, com sacrifício das necessidades especificamente humanas; d) a *alienação* do homem em relação à natureza. (KONDER, 2009, p. 47)

A partir do surgimento das classes sociais, da divisão social do trabalho e da propriedade privada, as contradições entre os indivíduos não são apenas ocasionais ou secundárias, mas começam a atuar de forma permanente na vida dos mesmos, devido as condições de suas vidas. O que ocorre é uma brutal divisão dos indivíduos de acordo com os seus bens em relação a propriedade, aqueles que a detém e os que não possuem acesso à mesma, tornando-os antagônicos, contrários e fragmentados.

O desafio é exatamente desvelar o porquê do trabalho que tudo criou, inclusive o próprio ser social, tornou-se numa atividade que traz consigo tanto sofrimento aos trabalhadores, e a partir disso Marx revela a alienação do trabalho em relação ao trabalhador nos Manuscritos Filosóficos e Econômicos. Segundo Konder:

[...] Ele verifica que numa sociedade voltada para a produção de mercadorias se manifesta uma cisão entre o produto e o produtor; e o mundo do produto - da mercadoria - passa a impor as suas exigências e os seus valores do mundo dos produtores. "Quanto mais o trabalhador produz mercadorias mais se transforma a si mesmo em mercadoria envilecida. A desvalorização do homem aumenta na razão direta da valorização dos objetos. (...) O esbulho do operário em proveito do seu produto significa não só que o seu trabalho se tornou objeto, adquirindo existência exterior a ele, mas que este trabalho se torna estranho a ele e se ergue diante dele como potência autônoma". (MARX, apud KONDER, 2009, p. 42)

Para Marx, nesse sistema, o trabalhador fica mais pobre em função da riqueza que produz, já que cria mercadorias e transforma-se numa mercadoria como outra qualquer. Esse fenômeno apresenta-se ao trabalhador sob a forma de estranhamento em relação ao produto do trabalho e isso aparece a ele como algo que existe independentemente de sua ação e que ainda possui um poder que o domina. Além disso, na medida em que há uma valorização do mundo das coisas, ocorre simultaneamente, uma desvalorização do mundo dos homens. O trabalho, que por sua vez não produz apenas mercadorias, mas também produz o trabalhador enquanto uma mercadoria como outra qualquer, e o seu produto realizado o enfrenta como se possuísse um poder estranho e independente a ele. O trabalho que é inerente e criador de valores, passa a carecer de valor, uma vez que deixou de pertencer ao próprio trabalhador.

Isso ocorre, segundo Marx, justamente porque o produto não é pertencente do trabalhador, então, portanto, não se pode vender o que não o que não pertence a si. Na medida em que, previamente a realização do trabalho, o seu futuro produto já é posse daquele que possui os meios de produção, por isso ocorre tal desapropriação em relação ao produto do próprio trabalho realizado. Como consequência desse processo, o trabalhador desconhece o seu semelhante como pertencente da mesma classe e muito menos se reconhece como partícipe do gênero humano.

O que o capitalista devolve ao trabalhador por conta do trabalho realizado, sendo denominado como salário, é usado na obtenção de seus meios de vida, reproduzindo sua condição de trabalhador assalariado. Conforme Marx evidencia (2013, p. 142): "a renovação constante desta relação de compra e venda não faz mais que mediar a continuidade da relação específica de dependência e lhe confere a aparência falaciosa de uma transação."

[...] Marx conclui que "tudo que aparece no trabalhador como atividade de alienação aparece no não trabalhador como condição de alienação" (Manuscritos), de modo que a alienação, dentro de uma sociedade dividida em classes, acaba por atingir todos os indivíduos que a compõem, tanto os explorados quanto exploradores. (KONDER, 2009, p. 43)

Dessa forma, o trabalho realiza a sua própria negação, já que, ao invés de se objetivar como atividade de manifestação da vida (positivamente), se realiza como atividade de alienação da vida (negativamente) e por isso essa atividade humana alienada não possui um caráter social e consciente. O trabalho alienado é o trabalho em conjunto, porém os homens se estranham e criam formas de sociabilidades

fragmentadas. O sentido da alienação está na desumanização e no empobrecimento dos seus sentidos.

#### Conforme Konder:

[...] abre-se a perspectiva historicista, que nos leva a ver a realidade como um processo em que nada permanece estático - um permanente processo de transformação de todas as coisas. A adesão a esta perspectiva nos protege contra a *alienação* que consistiria em darmos cobertura aos interesses das classes conservadoras, empenhadas em manter inalterada a situação de que são beneficiárias, sob a ilusão de estarmos servindo unicamente à ciência. É uma adesão que nos obriga, entretanto, a um esforço no sentido de analisarmos concretamente as condições em que se geraram os fenômenos postos diante de nós. Que nos obriga, no caso de que estamos tratando, a uma consideração das origens históricas da divisão da sociedade em classes sociais. Ou, mais exatamente, a ma consideração da origem história da *alienação*. (2009, p.54)

#### 2.2 - Alienação na sociedade burguesa

Primeiramente vale ressaltar que apesar do fenômeno da alienação ter muitas complexidades inéditas no sistema capitalita, isso não quer dizer que toda alienação tenha sua origem dentro dos marcos de tal sistema. Devido o caráter social dessa sociabilidade, foi possível uma intensificação da alienação em larga escala, como nunca visto anteriormente.

No modo de produção capitalista, os homens expressam uma forma determinada de produção material e de relações sociais que tem efeitos da forma de produção, tendo em vista que além de produzir os objetos, há relações sociais concretas entre os homens inscritas no antagonismo de classes sociais. Para Marx, o capital não é algo material, mas sim uma relação social de produção que corresponde a uma sociedade, "é o conjunto dos meios de produção monopolizados por uma determinada parte da sociedade" (MARX, 1975, p. 754), as condições de trabalho hiper degradantes frente a força de trabalho viva.

Em tal momento histórico houve uma significação de grande avanço para o desenvolvimento do ser social, uma vez que as sociedades pré-capitalistas tinham nelas um trabalho limitado com menor domínio do homem pela natureza, circunscritas por relações dadas, que ocorriam de modo estático. O homem, diante dessas condições, não se via como sujeito da própria história. Já sob a era do capital, com um maior desenvolvimento das forças produtivas, pressupondo o domínio humano da natureza, há uma mudança que passa a permitir que o ser social tenha consciência de si mesmo enquanto sujeito histórico.

Foi, de fato, um novo período. Pela primeira vez na história uma classe é constituída enquanto revolucionária, sendo verdadeiramente capaz de construir uma nova sociedade a partir da legítima destruição da forma em que constituia-se a sociedade anterior, de modo radical.

Conforme a concepção de Lukács, essa sociedade caracteriza-se como a primeira socialmente pura. Ainda nessa perspectiva, isso significava dizer que os homens poderiam começar a fazer a sua própria história e ter seu lugar nela apenas pela dinâmica econômica instituída, ou seja, não seria mais algo determinado pelo seu nascimento, de modo hereditário, ou algo do tipo.

A história, a partir desse dado momento, não seria mais simplesmente dada, ou fatalística, como algo que iria para além do ser social e de suas ações, mas seria feita e constituída pelos próprios. O destino dos homens, por sua vez, passa a pertencer a eles mesmos e não seria mais restrito a vontade de deuses e ao misticismo como era vivido anteriormente.

Para compreender a sociedade capitalista, torna-se preciso levar em consideração a forma mercadoria assumida, que por sua vez, possui a forma da

sociedade burguesa. Segundo Marx (2013), ela é um objeto externo que satisfaz as necessidades humanas de um tipo qualquer, podendo ser ou do estômago ou da imaginação, ou seja, podendo satisfazer necessidades báscias como alimentar-se ou até as mais triviais, já que a natureza dessas necessidades independe de seu motivo de desejo.

O valor de troca dessas mercadorias aparece inicialmente, ainda na perspectiva do supracitado autor, como uma relação quantitativa, e têm de ser reduzido a algo em comum<sup>16</sup>. Suas propriedades importam na medida em que as mercadorias possuem utilidade, isso significa dizer que quando a mercadoria é requerida é porque está sendo desejado ter delas o valor de uso.

É exatamente a abstração dos valores de uso que caracteriza a relação de troca entre as mercadorias. Um valor de uso vale tanto quanto o outro desde que esteja numa proporção adequada. Tal abstração, que por sua vez, apesar de necessária, ao mesmo tempo pode promover enganações devido generalizações.

Para produzir tais mercadorias torna-se necessário não mais que a mesma tenha ultilidade para si, mas é preciso que tenha valor de uso para outrem, de forma social. Sendo requerida por meio da troca, o produto passa a ser transferido a outrem, a quem vai servir como valor de uso.

Conforme Marx (1975), no sistema capitalista, o trabalhador fica mais pobre em função da riqueza que ele mesmo produz, e ao criar uma mercadoria, ele se torna também numa mercadoria como outra qualquer. O trabalho, portanto, cria uma sensação de estranhamento em relação ao produto do seu próprio trabalho, que aparece como algo que existe independente dele que o criou, e além disso, aparece

-

<sup>&</sup>lt;sup>16</sup> Nesse caso a mercadoria refere-se ao dispêndio de trabalho socialmente necessário. É isso que determinará a grandeza de valor de uma mercadoria para sua troca (MARX, 2013).

como um poder que o domina. A partir dessa situação, o trabalho realiza a sua própria negação, pois ao invés de se objetivar como uma atividade de positiva, de modo a executar uma manifestação da vida, aparece, na verdade, como uma alienação da vida, de modo negativo.

[...] O próprio trabalhador produz constantemente a riqueza objetiva como capital, como uma potência estranha a ele que o explora e o domina. E o capitalista produz, não menos constantemente, a força de trabalho como fonte subjetiva de riqueza, separada de seus meios de realização e materialização, como fonte abstrata que radica na mera corporeidade do trabalhador ou, para dizê-lo brevemente, o trabalhador como trabalhador assalariado. (MARX, 1975, p. 48)

O ponto de partida do modo de produção capitalista é a separação da força de trabalho e dos meios de produção, esses monopolizados pela classe capitalista. O trabalhador não é mais fonte pessoal da própria produção de riqueza, agora executa e cria riqueza para os outros. Não há outra saída para esse sujeito a não ser vender parte de si, a sua própria força de trabalho, já que essa é sua única condição de sua própria sobrevivência e de sua família, já que seus meios de vida estão monopolizados pela classe capitalista. O trabalhador, em troca de salário, entrega o valor de uso de sua força de trabalho, cria um novo valor materializado em forma de mercadoria. Essas mercadorias produzidas pelos trabalhadores que, por sua vez, são oprimidos, explorados, são pertencentes da mesma classe que detém os meios de produção, a classe capitalista, que ao vendê-las no mercado, arrecadam todo o lucro para si.

Conforme lamamoto (2012, p. 54): "A continuidade do processo de produção capitalista é um processo de produção e reprodução de classes sociais", já que ao ser trabalhador e produzir para terceiros usufruírem de seu trabalho, e obterem lucros disso - tendo em vista que a força de trabalho é a única mercadoria capaz de

produzir mais valor - através de meios de produção dos mesmos, vai sempre levar a uma reafirmação dos papéis na sociedade. O que é vendido, portanto, não é o trabalho, mas a sua força de trabalho, e na medida em que o trabalho começa a ser executado, já deixa de pertencer ao trabalhador e não se pode vender o que não pertence a si.

As relações sociais, uma vez objetivadas, assumem uma espécie de vida própria e possuem uma soberania relativa diante das vontades e desejos individuais. Segundo Lessa, a partir da análise do pensamento de Lukács:

Dimensões puramente sociais da vida adquirem, por essa via, um peso, uma aparência, "natural": são fatos de tal modo exteriores às vontades cotidianas, tão pouco permeáveis à influência das vontades individuais, que assumem uma aparência de exterioridade natural. Na sociedade capitalista, pela primeira vez na história humana, esse aparente caráter natural das relações sociais tende a desaparecer. Nela, o local de cada indivíduo na estrutura social é relativamente modificável (dentro de limites historicamente dados) pela ação dos indivíduos. Sob esse aspecto, a sociedade capitalista se constrói como uma enorme arena, onde os indivíduos não cessam de lutar entre si por um lugar ao sol [...] é uma decorrência direta das qualidades de suas individualidades, da maior ou menor capacidade em "fazer dinheiro". (LESSA, 2012, p.128-129)

Nessa sociedade, os atos dos indivíduos possuem importância no desenrolar das suas vidas, se contrapondo das sociedades anteriores, como a Feudal, por exemplo, que se um ser humano nascesse um nobre, o seria eternamente, de modo estático.

Essa noção corresponde "à gênese e ao desenvolvimento do individualismo burguês" (LESSA, 2012, p. 129), pois os indivíduos só podem ter sucesso se estiverem em constante confronto com os outros, com uma verdadeira noção de disputa, que ao construir as individualidades dessa forma egoísta, sem dó de acabar com o próximo para "vencer", de forma competitiva, também se constitui uma

sociedade completamente desumana. No próprio senso comum da população, ditos populares exprimem essa realidade, como por exemplo: "Farinha é pouca, meu pirão primeiro", ou até mesmo, "Gritou, barata voa".

O que ocorre é que cada indivíduo tem nos outros uma alternativa ou um entrave para a sua própria acumulação de capital, promovendo o individualismo burguês que é desenvolvido a partir das relações mercantis. A acumulação capitalista passa a ser determinante na vida de uma certa classe que é detentora dos meios de produção e promove um corte em suas vidas limitadas pelos seus interesses privados e mais imediatos.

Por conta disso, passa a ocorrer uma verdadeira disputa entre tudo e todos com o intuito de aumento da riqueza individual, ou até mesmo da própria sobrevivência. Nesse sentido, o capital passa a ser a razão da vida dos indivíduos (LESSA, 2012), uma vez que as relações humanas são movidas pela sua reprodução, e portanto, ele passa a dominar e controlar a vida dos homens. As decisões e escolhas individuais passam atender as determinações do capital.

[...] o capital é uma criação humana que se volta a escravizar os próprios homens. É uma afirmação humana da não-humanidade: uma alienação. Dada as suas características universais, o capital é uma alienação peculiar. Enquanto outras alienações podem ser superadas sem uma transformação global do mundo dos homens, a alienação produzido pelo capital apenas pode ser superada com a superação da ordem social burguesa.(LESSA, 2012, p. 130)

Nessa disputa desenfreada pela acumulação de riqueza individual, o sujeito torna-se uma ameaça permanente aos outros. Nesse sistema, a existência do homem ocorre de forma completamente desumana e tem apenas duas opções: ou ele vai passar o resto da vida nessa luta para a sobrevivência e/ou acúmulo de

riquezas materiais, ou será completamente excluído da sociedade à mercê de humilhações diárias para ter um mínimo de alimentação.

Com a "não-humanidade" do ser humano que baseia-se a sociedade capitalista, tanto a classe capitalista, quanto o trabalhador, são miseráveis, pois a vida é ausente de sentido, é alienada, e não portadora de um caráter social, consciente, gerando, dessa forma, uma verdadeira desumanização dos homens e um empobrecimento dos seus sentidos.

É no cotidiano que o homem capta as primeiras informações e visões sobre a realidade que o cerca, mas vale ressaltar as limitações que o mesmo impõe, como por exemplo, a ultrageneralização<sup>17</sup>, que caracteriza-se enquanto prática humana de tomar a parte pelo todo, pela vivência particular (HELLER, 1972). Partindo do princípio de que a consciência "é a interiorização das relações vividas pelos indivíduos" (IASI, 2011, p.15), torna-se preciso levar em consideração as primeiras relações que o ser possui ao ser inserido na sociedade. Desde a infância até a formação adulta, homem recebe conhecimentos, aprendizados que se tornam sua concepção de mundo e de vida, passadas por seus familiares e pela comunidade que o cerca, geralmente são aquelas formadas pelo pensamento hegemônico e dominante. Tais informações são absorvidas pelos sujeitos como se fossem verdades absolutas, naturais e criadas por ele mesmo, enquanto, na verdade, estão baseadas em o que alguns os dizem, ou seja é completamente ausente de algum embasamento. Com isso, os indivíduos interiorizam tais relações,

\_

<sup>&</sup>lt;sup>17</sup> Segundo IASI, " o novo indivíduo ao ser inserido no conjunto das relações sociais, que tem uma história que antecede a do indivíduo e vai além dela, capta, assim, um momento abstraído do movimento. A partir daí busca compreender o todo pela parte - ultrageneralização - o que consistirá [...] em um dos mecanismos básicos de sua primeira forma de consciência." (IASI, 2011, p.14)

transformam em normas, estando pronto para reproduzi-las em outras relações através da associação (IASI)<sup>18</sup>.

Portanto, a "naturalização e a moralização" (ORTIZ, 2012) dos processos sociais encontram-se nessa aceitação dos sujeitos diante do que lhes é passado, "que reproduzem posturas e ações sem conhecer seus fundamentos" (ORTIZ, 2012). 19 Enquanto a moralização tem uma função de justificar essa naturalização, de forma ultra funcional para a perpetuação desse "modus operandi", a partir da atribuição de juízos de valor, sem compromisso com a história. Revela-se funcional inclusive para a manutenção do sistema, pois possui o "aval" para um tratamento isolado e focalizado do indivíduo, que é 'marginal' ou 'cidadão do bem' por natureza e por isso é responsável por tudo em sua vida. 20

\_

<sup>&</sup>lt;sup>18</sup> Para IASI, "[...] os principais elementos que constituirão as características da primeira forma de consciência: 1. a vivência de relações que já estavam preestabelecidas como realidade dada; 2. a percepção da parte pelo todo, onde o que é vivido particularmente como uma realidade pontual tornase "realidade" (ultrageneralização); 3. por esse mecanismo, as relações vividas perdem seu caráter histórico e cultural para se tornarem naturais, levando à percepção de que "sempre foi assim e sempre será"; 4. a satisfação das necessidades, seja da sobrevivência ou do desejo, deve respeitar a forma e a ocasião que não são definidos por quem sente, mas pelo outro que tem o poder de determinar o quando e o como"; 5. essas relações não permanecem externas, mas se interiorizam como normas, valores e padrões de comportamento[...] 7. o indivíduo submete-se às relações dadas e interioriza os valores como seus, zelando por sua aplicação, desenvolvimento e reprodução." (IASI, 2011, p. 18)

<sup>&</sup>lt;sup>19</sup> O que é algo muito complicado, por exemplo na ordem burguesa, a naturalização, dentre suas funções, explica a existência da pobreza como produto da natureza, justificando que em todas as sociedades ela esteve presente, mas sem caracterizar sua particularidade e especificidade em cada uma dela. Com essa explicação, nada pode se fazer para mudar uma tal situação, é algo tido como natural e imutável, como se esse fosse o fim.

Essa retomada da relação com o trabalho foi necessária para obter a compreensão de como o trabalho na sociedade de classes leva ao fenômeno da Alienação, que é a primeira forma de consciência. É uma tarefa árdua romper com esse modo que foi ensinado a pensar, já os valores dominantes são passados por muitos anos durante toda uma vida, sem questionamentos, apenas internalizando e assimilando tudo aquilo de modo alienado que embaça a consciência verdadeiramente humana, é sem fundamento.

Os indivíduos que constituem a classe dominante possuem, entre outras coisas, também consciência e, por isso pensam; na medida em que dominam como classe e determinam todo o âmbito de uma época histórica. (MARX; ENGELS, 1993, p.72)

## E também:

[...] aquilo que é visto pela pessoa em formação como mundo externo, como objetividade inquestionável, portanto, como realidade, é apenas uma forma particular, historicamente determinada, de se organizarem as relações familiares. No entanto, esse caráter particular não é captado pelo indivíduo, que passa a assumi-lo como natural. (IASI, 2011, p. 17)

Ao longo da história se pode analisar a contradição entre princípios e fundamentos genéricos e individuais, isso significa dizer que os homens estão tendo sempre que escolher entre alternativas e necessidades que, no momento de fazer, são colocados em xeque com valores genéricos universais e individuais. Numa sociedade de classes, os interesses da classe dominante são colocados como se fossem interesses de todo cidadão.

Essa tensão supracitada entre o gênero e o individual que está presente no cotidiano dos indivíduos, intimida a decisão geral a escolher entre as alternativas que favorecem a totalidade do gênero, ou a elas próprias. Esse constrangimento impulsiona a elevação da consciência da contradição entre o que favorece a universalidade dos homens ou a singularidade de um indivíduo. Para Lukács, " a contraditoriedade entre o genérico e o particular é um elemento fundamental na elevação à consciência, em escala social, do ser genérico dos homens." (LESSA, 2012, p. 114)

Segundo lasi (2011) torna-se possível compreender que o processo de tomada de consciência não é concretizado para todos os sujeitos da mesma forma ou na mesma rapidez, tendo em vista que,

Esse processo é ao mesmo tempo múltiplo e uno. Cada indivíduo vive sua própria superação particular, transita de certas concepções de mundo e até outras, vive subjetivamente a trama de relações que compõem a base material de sua concepção de mundo. (IASI, 2011, p. 13)

O processo de construção da consciência, portanto, será inevitavelmente criado através de situações que tendem a uma orientação de "naturalizar e moralizar" o pensamento dos indivíduos, propiciando, com isso ações e concepções vinculadas ao pensamento da classe dominante, tornando-se funcional. Tendo em vista que numa sociedade de classes, uma delas precisa possuir formas de generalizar e internalizar sua visão de mundo e sua ideologia<sup>21</sup> sobre as relações sociais de produção para todo o restante da população, a maioria, com o objetivo de garantir a dominação econômica. Por isso, explica-se a dificuldade de construção de uma consciência crítica, vinculada a outra perspectiva societária e valorativa, já que:

as ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes; isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força espiritual dominante. A classe que tem a sua disposição os meios de produção material dispõe, ao mesmo tempo, dos meios de produção espiritual, o que faz com que a ela sejam submetidas, ao mesmo tempo e em média, as ideias daqueles aos quais faltam os meios de produção espiritual. [...] é evidente que o façam em toda a sua extensão e, consequentemente, entre outras coisas, dominem também como pensadores, como produtores de ideias, que regulem a produção e a distribuição das ideias de seu tempo e que suas ideias sejam por isso mesmo, as ideias dominantes da época. (MARX e ENGELS, 1993, p. 72)

ação anti-ideológica como a simples troca de velhas por "novas ideias'. (IASI, 2011, p.20)

45

<sup>&</sup>lt;sup>21</sup> No presente estudo não será tratado a fundo a respeito da ideologia, mas apenas por questão de esclarecimento, lasi evidencia que "A ideologia não pode ser compreendida apenas como um conjunto de ideias que, pelos mais diferentes meios (meios de comunicação de massas, escola, igrejas, etc.), são introduzidas na cabeça dos indivíduos. Isso levaria ao equívoco de conceber uma

#### E também

Quando a concepção do mundo não é crítica e coerente, mas ocasional e desagregada, pertencemos simultaneamente a uma multiplicidade de homens-massa, nossa própria personalidade é composta de maneira bizarra: nela se encontram elementos dos homens das cavernas e princípios da ciência mais moderna e progressista; preconceitos de todas as fases históricas passadas, grosseiramente localistas, e intuições de uma futura filosofia que será própria do gênero humano mundialmente unificado. Criticas a própria concepção de mundo significa, portanto, torná-la unitária e coerente e elevá-la até o ponto atingido pelo pensamento mundial mais desenvolvido. (GRAMSCI, 1978, p.23)

Por consequência disso, torna-se uma árdua tarefa romper com o modo capitalista de pensar, tendo em vista que os princípios dominantes apreendidos durante a vida do sujeito são incorporados por este sem questionamento, de forma alienada e naturalizada. Esse conjunto de pensamentos é a base, segundo IASI (2011), do que é chamado de "primeira forma de consciência", apresentada enquanto alienação, uma vez que ocorre a promoção da naturalização de situações, sem compromisso com o caráter histórico.

Na atividade humana, diante dessa forma de sociedade alienada, o indivíduo busca na esfera material a sua satisfação através do dinheiro, que por sua vez possui uma função de atuar na mediação entre o indivíduo e suas necessidades. Os sujeitos deparam-se com um trabalho em que além dos homens estranharem-se entre si, formam sociabilidades fragmentadas.

A vida genérica do homem como um todo é negada, e isso ocorre justamente porque o trabalho é transformado apenas em instrumento para pura e simples sobrevivência, se contrapondo do trabalho enquanto práxis social que promove o desenvolvimento de todas as formas de manifestações do homem enquanto um

ser sensível. Segundo Marx , "todos os sentidos físicos e intelectuais foram substituídos pela simples alienação de todos os sentidos, pelo sentido de ter." (MARX, 1993, p. 197)

A alienação do trabalhador não é expressa apenas em sua relação com os produtos do trabalho, mas também no ato da produção, no momento do trabalho em si. Esse mesmo que aparece como algo externo ao trabalhador, que não "dignifica o homem", não promove sua afirmação, mas na verdade é causador de muita angústia e de sua própria negação.

O trabalho, que era pra ser um ato de liberdade, nessa sociedade causa o extremo oposto, pois o homem apenas sente-se rasoavelmente livre quando deixa de trabalhar, já que essa atividade caracteriza-se por ser um trabalho forçado. Tendo em vista que se o homem não o faz, morre de fome ou passa a ser excluído da sociedade. Segundo Marx (1975), o trabalho passa a ser inclusive uma não representação da satisfação de uma necessidade, mas uma forma de satisfazer necessidades que são estranhas ao indivíduo.

A lei geral de acumulação capitalista<sup>22</sup> significa a acumulação da riqueza que é monopolizada por uma parte específica da sociedade, a classe capitalista, que ocorre concomitantemente da acumulação da miséria e do aumento massivo do pauperismo daqueles que constroem a riqueza de modo alheia a eles próprios, como um poder que os domina.

Portanto, a reprodução ampliada do capital necessita de uma recriação da classe trabalhadora e do poder da classe capitalista sobre a mesma para que continue a ocorrer uma reprodução da riqueza e da miséria na mesma proporção,

\_

<sup>&</sup>lt;sup>22</sup> Muito bem tratada no capítulo 23 de O capital.

com o intuito que dê continuidade a funcionalidade e a essência desse sistema. "O mesmo processo que a recria, reproduz os seus antagonismos." (IAMAMOTO, 2012, p.73)

Uma vez que o trabalho criador da riqueza pertence ao capital, e o que resta a ser pertencente ao trabalhador é apenas o seu esforço individual, o desenvolvimento, tanto das forças produtivas, quanto das condições de trabalho, aparecem aos indivíduos como fruto do capital e não do trabalho propriamente dito.

Essa, com isso, é a forma alienada necessária ao sistema capitalista, é representada na consciência e no ideário dos homens e trabalhadores como se a riqueza viesse do capital e jamais do fruto do trabalho dessa outra classe, ainda que seja ela a responsável por toda a produção. Isso significa dizer que o que, na realidade, é produto do trabalho, aparece para os homens como produto do capital, e é esse exatamente o processo de mistificação do capital.(MARX,2013,p.93-101)

Sobre o processo de mistificação, segundo Monfardini (2011, p.5-8):

Mas, tal como o par dialético essência/aparência, a mistificação afeta não só o mundo social, mas também o mundo natural. Isso ocorre visto que (i) também no mundo natural a aparência não manifesta necessariamente a sua essência, o que pode conferir-lhe um caráter misterioso, bem como (ii) a incompreensão de uma essência desconhecida, que apesar disso exerce efeitos sobre os indivíduos, pode fazer os indivíduos revestirem-na de um caráter místico, levando àquilo que se chama de mistificação. [...] A mistificação tem como base, portanto, dois elementos objetivos: (i) o caráter aparencial e, nesse sentido, imediato dos elementos apropriados pela consciência; e (ii) o fato de que determinadas formas de manifestação, determinadas aparências, são mais importantes como guia das ações dos indivíduos do que outras. Mas essa é só a sua base real objetiva. Para se constituir como mistificação enquanto tal é necessário um terceiro ponto: a transformação, pela consciência dos indivíduos, desse estado de coisas objetivo. A mistificação mesma consiste em tomar uma determinada forma de aparência, mesmo que parcial, como a própria essência. E a explicação de porque o indivíduo toma a aparência como sendo a essência é que é essa aparência específica que serve de indicador do sucesso ou não da sua prática. Sendo a finalidade no processo produtivo o valor, sob qualquer forma de rendimento, será o valor que guiará os indivíduos, sendo desconsiderados os outros elementos da aparência.

A aparência caracteriza-se enquanto a manifestação da realidade, e portanto, não possui compromisso com a essência da mesma, tendo em vista que não vai às raízes. Dessa forma, torna-se falso associar a essência do que se deseja com aquilo que está apenas no campo de sua aparência. A mistificação possui como base exatamente a aparência sendo tomada enquanto a essência.

No modo de produção capitalista há uma revolução no processo de trabalho, já que usando uma quantidade menor de trabalho, torna-se possível criar uma maior quantidade de mercadorias. O que define a produtividade nesse sentido é o volume dos meios de produção, e a partir disso, há uma diminuição do trabalho socialmente necessário para a sua execução. Dessa forma, o tempo necessário para produção do seu salário é encurtado, aumentando ainda mais o tempo entregue sem retorno financeiro para o trabalhador ao capitalista, o chamado trabalho excedente.

O processo realiza-se a partir do momento em que o trabalhador efetua a produção de mercadorias referente ao seu salário em muito menos tempo necessário, produzindo muito mais do que ele recebe em troca, deixando o restante de lucro para os detentores dos meios de produção. Com o aumento do grau da produtividade, há uma diminuição relativa da massa de trabalhadores diante do investimento dos feitos sob os meios de produção que podem agilizar a produção, portanto, há uma tendência de diminuição de investimento na compra e venda da força de trabalho em detrimento do maior investimento nos meios de produção.

A mistificação é dupla: ao mesmo tempo em que a mais-valia é entendida para o trabalhador como forma de salário, como não existente, para o capitalista, ela aparece como forma de lucro, dando a sensação de que tal valor novo é gerado pelo próprio capital, e não consegue ter a noção de que o seu lucro só poderia advir

de poder vender algo que não pagou (o tempo excedente de trabalho). Portanto, essa é a falsa sensação que ocorre ao tomar a aparência dos fenômenos como se fossem a essência, obscurecendo o real processo da acumulação capitalista, tornando-se completamente funcional e necessária para perpetuação dese sistema.

Na sociedade burguesa a alienação ganha complexidades, antes dela, era mais evidente o grau de exploração e submissão, no capitalismo é mais difícil do homem que sofre exploração vislumbrar esse processo. Os fundamentos do ser social são invertidos, estranhados, a mercadoria passa a ser um objeto estranhado a partir do trabalho assalariado sob a propriedade privada dos meios de produção. É atribuída uma característica misteriosa a mercadoria que encobre as características sociais do trabalho dos homens, como se fossem categorias materiais, oculta a relação social concreta dos trabalhadores particulares envolvidos na produção.

As relações sociais se objetivam como relações entre mercadorias, e os indivíduos se reconhecem através delas, com a propriedade privada e a divisão social do trabalho são dadas as bases para que as relações sociais apareçam como poderes independentes dos indivíduos, como uma relação que as coisas estabelecem entre si, o produto do trabalho e as coisas aparecem com vida própria.

Modalidade da alienação no capitalismo, o Fetichismo é caracterizado então pelo "caráter fantasmagórico dos objetos" (Marx, 2013, p.156), quando o trabalhador desconhece as matérias-primas, os trabalhos anteriormente e posteriormente feitos naquele processo e por isso desconhece o outro como pertencente da mesma classe. O fetichismo é da mercadoria que são iminentemente produzidas para serem trocadas e isso muda o seu sentido.

Marx em O Capital (2013) traz um questionamento no intuito de desvelar a procedência do caráter enigmático do produto do trabalho ao assumir a forma mercadoria, e ao tentar responder a essa pergunta começa num caminho de que quando é valor de uso, não existe algo de misterioso, no que tange a satisfação das necessidades humanas através de suas propriedades, levando em consideração que ela só recebe essas propriedades como produto do trabalho humano. O caráter místico da mercadoria não é fruto do valor de uso que nela consta e nem do significado do seu valor.

O caráter misterioso da forma-mercadoria consiste [...] no fato de que ela reflete aos homens os caracteres sociais de seu próprio trabalho como caracteres objetivos dos próprios produtos do trabalho, como propriedades sociais que são naturais a essas coisas e , por isso, reflete também a relação social dos produtores com o trabalho total como uma relação social entre objetos, existente à margem dos produtores. [...] Chamo a isso de fetichismo, que está sempre grudado aos produtos do trabalho, quando são gerados como mercadorias. É inseparável da produção de mercadorias. (MARX, 2013, P. 147)

A sensação, portanto, é de que existe uma relação entre objetos para além daqueles que os produziram, caracterizando-se, ainda segundo Marx, como uma relação social determinada entre os homens de modo "fantasmagórico", ilusório, como uma relação entre coisas. Isso ocorre porque essas relações só assumem o caráter de relações sociais uma vez que estejam sendo mediadas pelas coisas. Conforme Marx, "o processo de produção domina os homens, e não os homens o processo de produção, são consideradas por sua consciência burguesa como uma necessidade natural tão evidente quanto o próprio trabalho produtivo." (2013, p.156)

O fetichismo tratado a cima, por sua vez, associa-se aos produtos do trabalho assim que são produzidos enquanto mercadorias, e por conta disso, é indissociável de sua produção. Ou seja, o seu surgimento, segundo Marx (2013) estaria vinculado

ao trabalho produtor de mercadorias, portanto, com o início do capitalismo. A forma mercadoria caracteriza-se enquanto a forma da sociedade burguesa. Segundo MONFARDINI (2011, p. 12):

O fetichismo da mercadoria possui pelo menos três características essenciais: é o processo por meio do qual a riqueza, que é por essência social e se produz numa forma específica de organização social, (i) se expressa nas coisas; (ii) se apresenta de imediato como se fosse propriedade das próprias coisas, o que combinado com (i) leva à reificação das relações sociais; e (iii) gera um movimento das trocas que é organizado pelo próprio valor e não por indivíduos conscientes dessa relação. Em suma, o fetichismo é uma relação social reificada que assume caráter ativo.

Como os produtores estavam apenas interagindo o contato social através de relações de troca de seus produtos de trabalho, as relações sociais passam a aparecer como aquilo que elas são. Não enquanto relações sociais entre pessoas, mas com uma sensação reificada (relativo a coisa), com a sensação de que baseava-se numa relação entre coisas.

Somente no interior de sua troca os produtos do trabalho adquirem uma objetividade de valor socialmente igual, separada de sua objetividade de uso, sensivelmente distinta. Essa cisão do produto do trabalho em coisa útil e coisa de valor só se realiza na prática quando a troca já conquistou um alcance e uma importância suficientes para que se produzam coisas úteis destinadas à troca e, portanto, o caráter de valor das coisas passou a ser considerado no próprio ato de sua produção. A partir desse momento, os trabalhos privados dos produtores assumem, de fato, um duplo caráter social. Por um lado, como trabalhos úteis determinados, eles têm de satisfazer uma determinada necessidade social e, desse modo, conservar a si mesmos como elos do trabalho total, do sistema natural-espontâneo da divisão social do trabalho. Por outro lado, eles só satisfazem as múltiplas necessidades de seus próprios produtores na medida em que cada trabalho privado e útil particular é permutável por qualquer outro tipo de trabalho privado e útil, ou seja, na medida em que um equivale ao outro. (MARX, 2013, p. 148)

## Além disso:

As formas que rotulam os produtos do trabalho como mercadorias, e, portanto, são pressupostas à circulação das mercadorias, já possuem a solidez de formas naturais da vida social antes que os homens procurem

esclarecer-se não sobre o caráter histórico dessas formas - que eles, antes, já consideram imutáveis -, mas sobre seu conteúdo. (MARX, 2013, p. 150)

A reificação é quando a alienação permeia não somente no âmbito do trabalho, mas em todas as relações da vida, exemplo: a relação afetiva, que vai olhar a "coisa" que o outro tem para oferecer e só assim poderá investir na relação. Essa forma de alienação traz uma sensação de que as relações são permeadas por coisas e não por pessoas, há uma coisificação das relações.

# Conforme MONFARDINI (2011, p. 13):

E é essa a forma social na qual essas relações se realizam porque a sociabilidade baseada no mercado não é fundada de modo consciente: é o desenvolvimento das trocas e, portanto, da dimensão do valor, que articula cada vez mais os produtores individuais e os coloca, por meio de uma crescente divisão do trabalho, em uma relação de interdependência cada vez maior, fundando uma forma nova de sociabilidade. Essa é a base real do caráter misterioso da mercadoria, isto é, o fundamento objetivo do fetichismo. Explicitado que a contradição entre valor e valor de uso leva ao fetichismo da mercadoria, isto é, a uma reificação das relações sociais que passam, por conseguinte, a se desenvolver independentemente da vontade dos indivíduos, pode-se então passar para a análise do fenômeno da mistificação do modo de produção capitalista. [...] a mistificação dos aspectos básicos da essência do modo de produção capitalista tem como base esse automovimento de relações sociais reificadas, característico do fetichismo, que dominando a mercadoria domina a produção de riqueza como um todo.

Conforme a citação anterior, torna-se possível afirmar que o outro é tratado como um objeto descartável, pois a lógica mercantil supõe relações efêmeras e o fugaz não implica compromissos. O natural do trabalho, para Marx, seria imediatamente social, coletivo, também aquilo que distingui-se na base de produção de mercadorias, que a relação seria permeada como se fosse relação entre coisas.

Portanto, segundo Konder (2009), "numa sociedade reificada, a mentira penetra na intimidade dos sentimentos, na vida familiar e na estrutura afetiva; não se limita ao comportamento especificamente político." (2009, p.69)

[...] O fenômeno da reificação (em latim, res=coisa; reificação, pois é sinônimo de coisificação) é peculiar às sociedades capitalistas; é mesmo possível afirmar que a reificação é a forma típica da alienação (mas não a única) engendrada no modo de produção capitalista. O fetiche daquela mercadoria especial que é o dinheiro, nessas sociedades, é talvez a expressão mais flagrante de como as relações sociais são deslocadas pelo seu poder ilimitado.(Netto e Braz, 2006, p. 93)

Marx (2013) propõem que a única saída para o fim dessa "forma mercadoria" seria a superação desse sistema, quando anuncia que:

Por isso, todo o misticismo do mundo das mercadorias, toda a mágica e a assombração que anuviam os produtos do trabalho na base da produção de mercadorias desaparecem imediatamente, tão logo nos refugiemos em outras formas de produção." (MARX, 2013, p. 151)

### Conclusão

Para dar conta da pesquisa, comecei a percorrer o caminho da mesma através da centralidade da categoria trabalho em detrimento do surgimento de um novo ser, com novas habilidades, que distanciou-se dos seus instintos animais, construindo uma sociabilidade e o "mundo dos homens" (LESSA, 2002). O sentido de começar pela categoria trabalho, foi exatamento no intuito de desvincular da ideia de que por conta do desemprego alarmante, o trabalho deixou de ser a categoria central. Tendo em vista que é através dele que os sujeitos relacionam-se e constroem uma sociabilidade.

Após disso, passei para o processo de refinamento e complexificação da consciência, que só foi possível devido o alargamento e desenvolvimento do homem enquanto ser social e também do surgimento da propriedade e da divisão social do trabalho. No intuito de alcançar o resultado, que segundo IASI (2011), do que é chamado de "primeira forma de consciência", apresentada enquanto alienação, uma vez que ocorre a promoção da naturalização de situações, sem compromisso com o caráter histórico das mesmas.

A categoria da alienação estudada foi no sentido de futuramente poder analisar com mais clareza os entraves que ela põe sobre a apropriação do código de ética das/os assistentes sociais pelos próprios profissionais, sobretudo nesse turbilhão de mudanças que vem ocorrendo na atualidade, ainda mais no que tange a perspectiva ideológica.

Nesse processo aprendi a respeito da conxeção entre trabalho, consciência e alienação. Tendo em vista que o só é possível ocorrer o surgimento de um novo tipo

de ser através de um salto ontológico que ele promove a partir do trabalho em detrimento das outras formas de ser, diferenciando-o dos mesmos. Com isso, a partir do processo de construção da sociabilidade humana, da articulação cada vez maior do mundo dos homens, eles foram desenvolvendo a consciência, não de modo natural ou estático, mas como produto de relações sociais e materiais.

Portanto, a consciência é construída depois do surgimento do ser e de suas relações, e não ao contrário como é proposto pela perspectiva idealista. A primeira forma de consciência é alienada porque ela é assimilada pelos sujeitos naturalmente ao que lhe é passado pelos familiares e pessoas mais próximas.

O surgimento da alienação também está vinculado a categoria trabalho, uma vez que é a partir da propriedade privada e da divisão social do trabalho, devido ao maior desenvolvimento das forças produtivas, dando a alternativa de aumentar a capacidade humana em criar excedentes. Na propriedade privada, uns exercem o papel de mandar e outros de trabalhar, permitindo dessa forma que o primeiro grupo tivesse tempo livre, enquanto os outros teriam de abrir mão dele para o exercício do trabalho, promovendo uma dicotomia entre o agir e o pensar (KONDER, 2009). Após compreender o fenômeno da alienação, foi-me possível assimilar suas particularidades e complexidades na sociedade capitalista.

Diante do contexto contemporâneo em que vivemos, sob a contrerreforma do Estado, com um desmantelamento dos direitos sociais, trabalhistas e humanos duramente conquistados, ocorre também uma ameaça do suposto pensamento pósmoderno. Ao tomar por base o microscópico para explicar a realidade e fazer a

leitura da mesma, há um exemplo: o discurso pós-moderno afirma que o Trabalho não é mais a categoria central dessa sociedade porque o desemprego é maçante.

Com essa afirmação o pensamento faz uma gravíssima confusão entre categorias distintas 'emprego' e 'trabalho', e não vai à essência para compreender que o trabalho é ineliminável de toda e qualquer sociedade, mas ao tomar os fenômenos em sua aparência, comete esses tipos de deslizes. Com essa análise a respeito da ameaça à racionalidade dos fenômenos, começou o meu interesse pela temática, devido a tamanha importância do resgate das grandes teorias, sobretudo a partir da categoria central: o trabalho.

Além disso, como uma perspectiva ideológica (apesar de ser conhecida pelo irracionalismo) completamente funcional a todas essas drásticas mudanças, tal perspectiva promove uma afirmação, através de uma suposta 'crise dos paradigmas' (SIMIONATTO, 2006), em que as teorias da era moderna são tomadas como incapazes de explicar as novas transformações societárias.

Marx não escapou dessa ameaça à racionalidade, foi tido como retrógrado, pois não daria conta de explicar os 'novos fenômenos', tirando a perspectiva de classe, ou da totalidade de cena, trazendo novos atores de movimentos completamente fragmentados em suas lutas sem uma perspectiva de alcançar mudanças para o futuro, mas restringindo-se apenas no que se refere o presente. Expressando que nem o capitalismo tampouco o socialismo eram soluções, pois o primeiro encontra-se num estado de péssimas condições para os oprimidos e o segundo era muito distante e inalcançável.

Tal tendência não possui o compromisso com o real, não vai à essência dos fenômenos, contenta-se com o aparente, o imediato, e acredita que as novas manifestações da 'questão social' configuram-se numa 'nova questão social', devido a inadaptação dos antigos métodos para seu enfrentamento.

A partir dessas questões, depois de todo levantamento bibliográfico feito para concluir esse trabalho, me parece que há uma exacerbação do fenômeno da alienação. Uma vez que a partir dessa "ameaça ideológica" que possui em sua essência a falta de desejo em alcançar a realidade dos processos, e na verdade contentar-se com sua aparência, promove uma aproximação ainda maior com o fenômeno supracitado.

Além disso, tal ideia não dá relevância ao conceito de classe social, o que faz aproximar mais uma vez com a sensação de que o sujeito não sente-se partícipe de uma mesma classe com os seus companheiros. Com isso, ocorre o inverso do que é proposto por Marx e por suas releituras, uma fragmentação cada vez maior em detrimento da perspectiva de totalidade, propondo a substituição do conceito de 'classes sociais' por 'grupos de pessão' (MONTAÑO, 2011).

Esses questionamentos foram resultado da pesquisa bibliográfica realizada, mas que ainda não consegui tratá-los nesse momento, pois seria necessário mais esforço, investimento de pesquisa e tempo para tal. Mas possuo um imenso desejo em debruçar-me sobre os assuntos, no sentido de fortalecer o elo entre teoria e prática para que isso dê subsídios de enfrentamento de tais questões.

Essas intensas mudanças societárias, não deixam de afetar o Serviço Social, já que o ele não está imune às mesmas. Na esfera profissional, têm-se a volta

desses fundamentos, conhecido como o 'neoconservadorismo'. Que torna explicar as expressões da 'questão social' que atravessam o cotidiano de atuação, de forma completamente potencializadas, por meio desvinculado da totalidade e universalidade da vida social, através do imediatismo, desarticulando a 'questão social' da sua essência dentro do sistema, caindo na fragmentação em 'questões sociais', tendo o indivíduo como isolado e responsável por suas responsabilidades (IAMAMOTO, 2008).

Acaba por reviver, segundo Netto, um determinismo, fatalismo, a ideia do voluntariado e até mesmo o messianismo, não ultrapassando a 'pequena política' (GRAMSCI, 1978) do cotidiano. Nesse contexto, altera-se a demanda do trabalho do assistente social, modifica-se o mercado e os processos de trabalho. Atualmente são muitos desafios, e o maior deles é fazer com que o projeto seja um alicerce para o exercício profissional ainda que em outro sentido da ofensiva neoliberal, já que nessa perspectiva seria tido como um 'atraso', segundo Netto (2006).

Segundo Duriguetto (2014), diante das transformações no mundo do trabalho e as reconfigurações das políticas sociais no âmbito da contrarreforma que colocam tensões às mediações teóricas-políticas e operativas ao projeto ético-político do Serviço Social, o profissional vivencia a flexibilização das relações de trabalho e da precarização do emprego.

A solução encontrada por lamamoto (2008) vai no sentido da necessidade resguardar um domínio teórico-metodológico e um direcionamento ético-político para que isso possibilite uma forma de respostas definidas às demandas cotidianas para os assistentes sociais, desvinculado de imediatismo, mas de forma embasada.

Tendo em vista que a fragmentação dos sujeitos, desarticulados de sua base social comum, pode ser incorporada no âmbito do Serviço Social de forma acrítica em decorrência direta das classificações efetuadas pelas políticas públicas.

Através dessas políticas, os sujeitos passam a ser estigmatizados como incapazes devido problemas pessoais, alimentando respostas profissionais imediatistas e erráticas, desvinculadas dos movimentos coletivos e de classes sociais, exatamente como lhe é requisitado.

A prática profissional do assistente social , para Simionatto (2009), se reduzida a pura e simplesmente identificação das demandas e seu atendimento focalizado, separado da totalidade inscrita, terá como consequência uma análise tomada apenas pela aparência e vai escamotear o real significado das questões no antagonismo da sociedade capitalista. Tomará a existência de várias realidades, pois associará a ela o caráter empírico de vivência do indivíduo, e cada um terá a sua, tendo em vista a 'impossibilidade de ir até a verdade'.

É nesse processo histórico que apareceram inéditas requisições ao profissional, que irá emergir novas demandas, habilidades, competências e atribuições. Com isso exige-se também uma intensificação da capacitação acadêmica na qual procurará enxergar a realidade tal como ela é para conseguir desvendar os processos ideológicos que legitimam essa nova reconfiguração da sociedade e assim dos espaços sócio ocupacionais com forte compromisso ao projeto ético político.

# Referências bibliográficas

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO DE SERVIÇO SOCIAL/CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA EM POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL (Abess/Cedepss). **Diretrizes Gerais para o curso de Serviço Social** (Com base no currículo mínimo aprovado em Assembleia Geral Extraordinária de 8 de novembro de 1996). In: V.V.A.A. In: Cadernos Abess. São Paulo, n. 7, 1997.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO E PESQUISA EM SERVIÇO SOCIAL (ABEPSS). **Desafios à formação profissional em tempos de crise mundial** – A ABEPSS nas atividades comemorativas de 15 de maio de 2009. In: Temporalis – Revista da Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social. Brasília: ABEPSS, n.17, 2009.

BARROCO, Maria Lucia Silva. Ética e Serviço Social: fundamentos ontológicos. São Paulo: Cortez editora, 2001.

\_\_\_\_\_. Ética: fundamentos sócio-históricos. Biblioteca Básica/Serviço Social, São Paulo: Cortez editora, 2008.

ABRAMIDES, M.B & DURIGUETTO, M.L. **Movimentos Sociais e Serviço Social: uma relação necessária**. São Paulo: Cortez, 2014.

GRAMSCI, A. **Concepção dialética da História**. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1978.

HELLER, Agnes. O Cotidiano e a História. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972..

IAMAMOTO, Marilda Villela; CARVALHO, Raul. **Relações Sociais e Serviço Social. Esboço de uma interpretação histórico-metodológica.** 37 ed. São Paulo: Cortez, 2012.

IAMAMOTO, Marilda Villela. Serviço Social em tempo de capital fetiche: capital financeiro, trabalho e questão social. 2ª ed., São Paulo: Cortez, 2008.

IASI, Mauro Luis. **Ensaios sobre Consciência e Emancipação**. São Paulo: Expressão Popular, 2ª. edição, 2011.

LESSA, Sergio. Para compreender a Ontologia de Lukács. 3.ed. ljuí: Unijuí, 2012.

\_\_\_\_\_. **Mundo dos Homens: trabalho e ser social**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

LUKÁCS, George. Introdução a uma Estética Marxista. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1978.

Ontologia do Ser Social – Os Princípios Ontológicos Fundamentais de Marx. Editora Ciências Humanas, São Paulo, 1979.
<b>Para uma ontologia do ser social I</b> . 1.ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012.
<b>Para uma ontologia do ser social II</b> . 1.ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.
MARX, Karl. <b>Teorias da mais-valia. História crítica do pensamento econômico</b> . São Paulo: Difel, 1983, v.II; 1985, v.III.
El Capital: crítica de la economía política. 2. ed. 5. reimpr. México: Fondo de Cultura Económica, 1975. 3 t.
Manuscritos econômico-filosóficos de 1844. In: MARX,K; ENGELS, F. Manuscritos económicos varios. Barcelona: Grijalbo, 1975.
; ENGELS, Friedrich. A Ideologia Alemã 1.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
<b>O 18 Brumário de Luis Bonaparte</b> . Coleção Os Pensadores, volume XXXV, Rio de Janeiro: Abril Cultural, 1974.
<b>O Capital: crítica da economia política</b> , livro I, volume I, São Paulo: Boitempo, 2013.
MOFARDINI, Rodrigo, <b>Mistificação, Fetichismo e Método em Marx</b> , In. Marx e o Marxismo 2011: teoria e prática, Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2011.
MONTAÑO, C.; DURIGUETTO, M.L. <b>Estado, classe e movimento social</b> . São Paulo: Cortez Editora, 2011.
NETTO, J.P.; BRAZ, M. <b>Economia Política: uma introdução crítica</b> . 7.ed. São Paulo: Cortez Editora, 2011.
NETTO, J.P. <b>Uma face contemporânea da barbárie</b> . In: III Encontro Internacional "Civilização ou Barbárie", Serpa, 30-31 de outubro/1º de novembro de 2010.
Prólogo. In: Marx, Karl. Engels, Friedrich. <b>Manifesto do Partido Comunista</b> . São Paulo: Cortez editora, 1998.
. A Construção do Projeto Ético-Político do Serviço Social. In: MOTA, Ana Elisabete et alii (org.) Serviço Social e Saúde: formação e trabalho profissional. São Paulo: Cortez editora, OPAS, OMS, Ministério da Saúde, 2006, pp. 141-160.

ORTIZ, F.S.G. Sobre o processo de formação da consciência: limites e potencialidades para a afirmação de projetos coletivos. In: Em Pauta,

Teoria Social & Realidade Contemporânea. Rio de Janeiro, nº29, p.17-33, 2012.

SIMIONATTO, Ivete. As expressões ideoculturais da crise capitalista na atualidade e sua influência teórico-política. In: Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais. Brasília: CFESS/ABEPSS/CEAD/UNB, 2009, pp. 87-106.

VÁZQUEZ, A.S. Filosofia da Práxis. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.